



www.mundialfuteboldeRua.org

DAR A BOLA NÃO, VAMOS JOGAR FÚTBOL CALLEJERO!!!

Por: Fernando Richardi¹

O PRESENTE RELATO REFERE-SE ÀS EXPERIÊNCIAS COM O FÚTBOLL CALLEJERO, PROPOSTO COMO ALTERNATIVA PARA DESENVOLVER O FUTEBOL DURANTE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ EM 2016. PARTIU-SE DA PRÁTICA SOCIAL DO FUTEBOL DOS/AS ESTUDANTES, PASSANDO PELA TEORIZAÇÃO DO FÚTBOL CALLEJERO, CULMINANDO COM A VIVÊNCIA DE JOGOS DE FUTEBOL BASEADOS NESSA METODOLOGIA. ÀS PROBLEMÁTICAS IDENTIFICADAS INICIALMENTE FORAM SOLUCIONADAS QUASE QUE INTEGRALMENTE AO FINAL, RESULTANDO NA PARTICIPAÇÃO ATIVA DE QUASE TODOS/AS OS/AS ESTUDANTES. APÓS AS VIVÊNCIAS, POR MEIO DE RELATOS ORAIS E ESCRITOS DE ESTUDANTES, FICOU NÍTIDA A APREENSÃO E AMPLIAÇÃO DE CONHECIMENTOS RELACIONADAS AO FUTEBOL E O ESTABELECIMENTO DE RELAÇÕES ENTRE ESSES CONHECIMENTOS E A VIDA.

Palavras-chave: Educação Física, Futebol, *Fútboll Callejero*.

¹ Professor de Educação Física no Colégio Estadual do Paraná

INTRODUÇÃO

O futebol era a bola da vez, o tema que seria desenvolvido nas aulas de Educação Física. Partindo desta temática foi proposto o Fútbol Callejero, considerado uma metodologia alternativa para o aprendizado e desenvolvimento do esporte mais conhecido e praticado no mundo.

A minha expectativa enquanto professor era de que as experiências com o Fútbol Callejero pudessem estimular e promover a participação ativa dos estudantes em todo o processo, ou seja, nas decisões a respeito das regras, nos jogos e nas discussões a respeito dos aprendizados advindos das experiências vividas por meio desta prática libertária de futebol. Entretanto, no chamado país do futebol, quando esta prática corporal esportiva é posta à prova no ambiente escolar, problemas como a pouca participação de meninas e daqueles que não tinham habilidades consideradas básicas para jogar são comuns, inclusive considerados normais pelos/as estudantes, que muitas vezes optam por não se incluir nas atividades.

O ambiente escolar, desde o seu início, produziu distinções e desigualdades. A escola se incumbiu de separar os sujeitos, por meio de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização. No entender de Pereira (2004) *apud* Furlan e Santos (2008), a escola, em seu cotidiano, como instituição detentora das funções educacionais e de formação social, produz e ainda continua reproduzindo ações que separam e demarcam, de forma explícita ou implícita, o que é considerado socialmente como pertencente ao mundo feminino e ao mundo masculino.

No que se refere às aulas de Educação Física na escola, o processo de constituição da identidade de gênero² geralmente apresenta-se de forma mais explícita e evidente. Ainda que várias escolas e professores/as venham trabalhando em regime de co-educação, a Educação Física ainda parece ser a área em que as resistências ao trabalho integrado persistem, ou melhor, na qual as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações ou de novas teorizações (FURLAN e SANTOS, 2008).

² O corpo não está definido *a priori* e é um território amplo a ser explorado, que a partir de suas performatividades nos posiciona nos limites das normatividades corporais e de gênero instituídas (CAMARGO e KESSLER, 2017). Nesse aspecto, Butler (2003, 2008) *apud* Camargo e Kessler (2017) afirma que gênero não é uma essência ou verdade psicológica como há muito se pensou, mas uma prática discursiva e corporal performativa por meio da qual o sujeito adquire inteligibilidade social e reconhecimento político.

Historicamente, no momento de introdução dos esportes na Educação Física escolar brasileira, as meninas foram tidas como seres frágeis e dóceis e os meninos, dotados de força, dominação e poder, marcas que reiteram a diferença de gênero, ou ao que comumente se atribui como características inerentes exclusivamente ao sexo masculino e ao sexo feminino (FURLAN e SANTOS, 2008).

Entretanto não se pode generalizar a afirmação de que meninas são excluídas do jogo, principalmente do futebol (Altmann, 2015, p. 96). Ao observar o cotidiano de aulas de Educação Física a pesquisadora observou que meninas habilidosas jogavam futebol junto aos demais meninos (inclusive os pouco habilidosos). Desta forma, para Altmann (2015), as categorias gênero e habilidade associavam-se também às categorias idade e força como critérios definidores daqueles que ocupavam os espaços mais amplos na escola, seja nas atividades realizadas durante as aulas ou nos intervalos.

Nas primeiras aulas, quando questionados/as a respeito dos seus conhecimentos em relação ao futebol, os/as estudantes demonstraram ter informações e conhecimentos superficiais, na maioria das vezes influenciados pelos discursos veiculados pelas mídias de massa. Conhecimentos referentes às relações históricas e a toda a influência social, cultural, política e econômica deste fenômeno moderno não foram verificados por meio das respostas de grande parte deles/as.

Desta forma, após pesquisar e conhecer o Fútbol Callejero tive a certeza de que se tratava de uma metodologia que certamente auxiliaria no enfrentamento dos problemas supramencionados, possibilitando experiências e aprendizados para a vida, como o diálogo, o respeito às diferenças, a co-educação, o protagonismo juvenil e o incentivo para que todos/as pudessem realmente opinar e participar, objetivando a transformação desta manifestação da Cultura corporal de acordo com os anseios e interesses do grupo.

Na etapa de planejamento, o pontapé inicial foi dado a partir da leitura do livro "Futebol contra o Estado: confrontando futebol e políticas libertárias", de Gabriel Khun. Nele o autor tematiza diversas experiências, demonstrando a forte conexão entre o fenômeno sociocultural futebol e diversos posicionamentos políticos que têm em comum o objetivo de promover mudanças na sociedade, visando ao incentivo e criação de comunidades verdadeiramente igualitárias e constituídas por sujeitos

realmente livres, que poderão atuar de maneira significativa para a superação dos problemas e para a humanização (KHUN, 2014).

Também serviram de base teórica os conhecimentos advindos do Movimento de Fútbol Callejero (2017), conjunto de organizações sociais com a missão compartilhada de construir cidadania e defender direitos humanos e da natureza, valorizar e pleitear a justiça em relação às oportunidades, promover uma sociedade verdadeiramente inclusiva, reconhecendo e respeitando a diversidade étnica, de gênero, de religião etc. e do projeto Mundial de Rua (2017), organização que visa ocupar a cidade e seus diversos tempos/espços de forma harmoniosa e respeitosa, com o objetivo de fortalecer valores como a solidariedade, cooperação e inclusão social, tendo como metodologia o Fútbol Callejero. Para os/as estudantes, durante as aulas foram disponibilizados os links dos sites pesquisados e também foi solicitada a busca em outras fontes para aprofundamento da temática.

A prática do Fútbol Callejero emergiu como resultado de um projeto de educação popular iniciado no bairro de Chaco Chico, região metropolitana de Buenos Aires, tendo como objetivo a promoção da mobilização social e do protagonismo dos jovens diante das inúmeras dificuldades sociais que assolavam a região no final do século XX (ROSSINI, 2012). Esta metodologia, criada a partir do futebol jogado nas ruas do bairro, tem como princípios o respeito, a cooperação e a solidariedade entre os participantes que, ao invés de jogarem contra, jogam uns com os outros. Cada partida é única, pois possibilita o exercício da autonomia pelos participantes, que têm a oportunidade de definir em grupo as regras que serão utilizadas durante a vivência do jogo. Tais regras são adaptadas às características de cada grupo, respeitando as individualidades, as potencialidades e limitações dos participantes.

Um jogo de futebol baseado na metodologia do Fútbol Callejero é composto por três tempos, diferentemente do futebol tradicional conhecido pela maioria das pessoas. As partidas são disputadas por equipes formadas por meninos e meninas juntos, de forma integrada, favorecendo experiências significativas de co-educação (MARTINS, SOUZA JÚNIOR e BELMONTE, 2015), afinal, a equidade desejada nas aulas de Educação Física não deve ser uma comparação entre meninos e meninas; o importante nesse processo é valorizar a diferença e a contribuição individual para todos/as os meninos e meninas, proporcionando atividades que possam ser

praticadas por todos/as, contribuindo para a construção do ser social (GOELLNER, 2005).

Para Gutierrez, Dotto e Allet (2016) a ideia fundamental do Fútbol Callejero é o resgate das raízes do tradicional futebol de rua, considerado uma prática corporal esportiva autorregulada em que as regras são previamente acordadas e respeitadas por todos/as os/as participantes do jogo, sem a necessidade de uma regulação ou autoridade externa. No Fútbol Callejero, a presença de árbitros é substituída pelo mediador (papel exercido pelos professores), que auxilia quanto às decisões tomadas antes, durante e após os jogos.

O jogo estava prestes a começar e os conhecimentos que embasariam e dariam suporte às nossas experiências já estavam aguardando para entrar em campo.

METODOLOGIA

As aulas baseadas no Fútbol Callejero foram realizadas no Colégio Estadual do Paraná (CEP), tradicional instituição de ensino do estado do Paraná, localizado no centro da cidade de Curitiba. Considerado o maior e mais antigo colégio público do Estado, com mais de cinco mil estudantes matriculados, oriundos de diversas regiões da capital e do estado. O fato de serem oriundos de diversos contextos sociais faz com que a diversidade seja um fator que deve ser considerado e valorizado pelos/as professores/as que atuam no CEP. Esta diversidade torna o trabalho pedagógico mais complexo, devido ao grande número de opiniões, saberes, formas de viver e pensar o mundo, porém, também proporciona inúmeros aprendizados significativos.

Para o desenvolvimento dos conhecimentos e conteúdos referentes ao Fútbol Callejero foram utilizadas dez aulas de Educação Física, no período entre os meses de agosto e setembro de 2016. As aulas foram ministradas para cerca de 230 estudantes de sete turmas de 3ª série do Ensino Médio.

O ponto de partida inicial foi dado a partir da prática social do futebol dos/as estudantes (PARANÁ, 2008), passando pela teorização do Fútbol Callejero e culminando com a vivência de jogos de futebol baseados nesta metodologia.

As vivências práticas de Fútbol Callejero foram realizadas em dois espaços simultaneamente, um pátio com piso emborrachado, onde foram montados dois

campos com traves pequenas (sem goleiros/as) e uma parte do campo gramado, onde foi montado um campo com gols maiores, havendo a necessidade de goleiros/as no jogo. Desta forma, todos/as os/as estudantes de cada turma que estivessem em aula naquele momento poderiam jogar sem a necessidade de ficar esperando do lado de fora.

A primeira aula foi destinada à averiguação dos conhecimentos prévios, advindos da prática social dos/as estudantes em relação ao futebol (PARANÁ, 2008). Para contemplar este objetivo foi proposta uma dinâmica de roda de conversa em que uma bola era passada de mão em mão. Durante a dinâmica, quem estivesse de posse da bola teria o direito de falar. Após a sua fala passaria a bola para quem quisesse se pronunciar na sequência. Embora tivesse por objetivo criar um clima agradável para que os/as estudantes se pronunciassem a respeito do futebol, a dinâmica favorecia principalmente o ato de escutar, de saber respeitar as opiniões, inclusive quando eram contrárias.

Durante a realização da dinâmica perguntei o que entendiam por futebol, quais tinham sido as suas experiências mais significativas e quais eram as suas expectativas em relação às aulas. Muitos/as demonstraram conhecimentos superficiais, na maioria das vezes influenciados/as pelos discursos veiculados pelas mídias de massa, entendendo o futebol apenas como um esporte destinado principalmente aos homens habilidosos e fortes. Foram relatadas expectativas boas (daqueles/as que gostavam de jogar) e ruins (principalmente advindas daqueles/as que afirmaram ter tido péssimas experiências escolares com o futebol), como explicitado por meio do seguinte relato.

Esportes nunca foram muito uma coisa que me agradassem muito, principalmente o Futebol, sempre tive uma aversão a esse esporte, quando me convidavam para jogar sempre negava ou quando era obrigada a jogar sempre dava um jeito de sair no começo do jogo (Relato de uma estudante).

A ideia do futebol enquanto ópio do povo também foi citada por alguns, demonstrando pouco conhecimento em relação às influências sociais, culturais, políticas e econômicas deste fenômeno social moderno. Muitos/as estudantes também citaram a Copa de Mundo de 2014 e os inúmeros problemas decorrentes da sua realização, demonstrando um senso político mais aguçado.

Ainda na fase de diagnóstico foram propostas duas aulas partindo da prática social dos/as estudantes, ou seja, das suas percepções, entendimentos e formas de

jogar futebol (PARANÁ, 2008). Durante essas aulas percebi que muitos meninos e meninas que não tinham e/ou não demonstravam ter as habilidades consideradas necessárias para jogar eram excluídos ou se auto excluía. A ideia de que o futebol era um esporte essencialmente masculinizado e destinado apenas aos detentores de habilidades específicas se materializou em todas as turmas.

Finalizada esta primeira etapa chegava o momento de saber se os/as estudantes conheciam outras formas de jogar futebol. Foi a vez do Fútbol Callejero entrar em campo pela primeira vez na vida deles/as. Ao final dessas aulas perguntei se conheciam o Fútbol Callejero. Todos disseram que nunca tinham ouvido falar. Alguns perguntaram se tinha a ver com o futebol de rua, afinal, calle em espanhol significa rua. Expliquei que deveríamos procurar saber mais e que, para o próximo encontro, iniciariamos a aula conversando a respeito deste novo futebol.

A minha expectativa enquanto professor era de que as experiências com o Fútbol Callejero pudessem promover a participação ativa dos/as estudantes em todo o processo, ou seja, nas decisões a respeito das regras, nos jogos e nas discussões a respeito dos aprendizados advindos destas experiências vividas por meio desta prática libertária de futebol.

Quando o professor chegou com o tema da aula sobre Futebol Callejero todos pensamos que seria algo difícil por ser diferente do nosso futebol tradicional de jogo, porém na hora que for explicadas as regras de jogo ficou muito parecido com o futebol de rua que jogava quando era criança onde nós que fazíamos as regras, porém a diferença era muito grande pois precisamos adaptar o futebol a todos os participantes, o que tornava a comunicação algo fundamental e até acima das habilidades (Relato de um estudante).

Um jogo de futebol baseado na metodologia do Fútbol Callejero é composto por três tempos, diferentemente do futebol tradicional conhecido pela maioria das pessoas. As partidas são disputadas por equipes formadas por meninos e meninas juntos, de forma integrada, favorecendo experiências significativas de co-educação. A presença de árbitros é substituída pelo mediador (papel exercido pelos professores), que auxilia quanto às decisões tomadas antes, durante e após os jogos. Esses ingredientes atraíram a atenção de muitos dos estudantes. Onde já se viu um jogo com três tempos? Com equipes mistas? Com regras definidas pelos participantes e não por instituições superiores ou pelos professores?

Um exemplo disso foi o Futebol Callejero, uma dinâmica inclusiva, em que as regras eram elaboradas pelo próprio time, possibilitando que o jogador menos habilidoso pudesse ter contato com o de maior destaque, dizimou-se o conceito que existe entre a separação dos gêneros masculino e feminino, nesse jogo, ambos poderiam atuar juntos sem qualquer restrição (Relato de uma estudante).

Altmann (2015) ressalta a importância de uma abordagem pedagógica do futebol envolvendo as meninas na escola, em razão da possibilidade de ampliação de seus conhecimentos (históricos, sociais e culturais) e habilidades a respeito da modalidade, fato que se configura como um direito à equidade social. De acordo com Altmann (2015, p. 65): "A percepção de incompatibilidade entre feminilidade e futebol, e, por vezes, ainda presente na percepção de incompatibilidade entre feminilidade e futebol" (Altmann, 2015, p. 65).

Antes das vivências práticas de Futebol Callejero, tivemos um momento para conversar a respeito desta metodologia e das diferenças em relação ao futebol tradicionalmente conhecido pela maioria.

Depois da conversa, era chegada a hora de vivenciarmos realmente todas estas ideias e conceitos na prática. Separamos a turma em seis equipes, formadas por meninas e meninos, duas em cada campo (foram utilizados três campos com dimensões reduzidas). Nesta aula, a formação das equipes foi responsabilidade dos estudantes e o único critério era que deveriam formar equipes mesclando igualmente meninos e meninas.

Após a definição, as equipes escolheram os campos onde iriam jogar. Com as equipes posicionadas de forma intercalada, em círculo, era o momento de iniciar o 1º tempo. Para este momento foram disponibilizados 5 minutos para todos, que deveriam anotar as suas regras em uma folha previamente entregue pelo professor.

No Futebol Callejero, o primeiro tempo é destinado à reunião das equipes para a criação e definição das regras do jogo (ROSSINI, 2012; SOUZA JÚNIOR, MARTINS e BELMONTE, 2015). Somente após o término deste momento, com as regras acordadas e definidas pelas equipes é que o jogo com bola tem início.

Confesso que a maioria dos estudantes não queria participar deste momento. Muitos pediam para que eu estabelecesse as regras por eles. Tiveram também aqueles que desejavam apenas jogar, diziam que já sabiam todas as regras e que era só dar a bola e jogar. Aos poucos, por meio do diálogo e da explicação da importância de tal momento, mais e mais estudantes começaram a participar

efetivamente das decisões, afinal, as regras definidas por eles seriam postas à prova durante os jogos. Era como um desafio, fazer cumprir as próprias regras. Nesta aula, percebi que assim como ocorre em nossa sociedade, as decisões foram tomadas por uma minoria, por aqueles que demonstraram mais interesse durante a atividade.

Percebendo este fato, lembrei que em nossa sociedade nem sempre temos a oportunidade de expor nossas ideias e principalmente de ouvir os outros. Conversamos a respeito da importância de participar de decisões coletivas e de como isto poderia auxiliar em nossa formação humana.

Jogo após jogo percebemos que as regras começaram a refletir cada vez mais os interesses e necessidades coletivos, não da minoria, mas da maioria dos participantes do processo. Após a finalização do 1º tempo, iniciamos simultaneamente nos três campos o segundo tempo. Nesta aula cada equipe jogou duas vezes com equipes diferentes.

No Futebol Callejero, durante o 2º tempo, a responsabilidade dos professores é de observar e mediar o jogo, fazendo as anotações pertinentes, principalmente em relação ao cumprimento das regras estabelecidas pelos próprios participantes, aos conflitos e às formas como tais situações são resolvidas durante o jogo (ROSSINI, 2012; SOUZA JÚNIOR, MARTINS e BELMONTE, 2015).

Assumindo este papel, percebi que as primeiras partidas eram muito parecidas entre as turmas, ou seja, em muitos jogos a maioria das regras estabelecidas pelos próprios estudantes simplesmente eram ignoradas, o que gerava conflitos como desistências, xingamentos e contatos físicos mais ríspidos durante o jogo.

Como o Futebol Callejero é uma prática inclusiva, no início muitos estudantes não entenderam que deveriam pensar um pouco menos em si e olhar um pouco mais para o próximo, mesmo que ele estivesse na equipe adversária. Afinal, como jogar com aqueles que não têm habilidades semelhantes às minhas? Como jogar com aqueles que não estão muito dispostos a jogar? Como competir com pessoas que não possuem o mesmo nível de jogo? Estas questões afloravam durante os jogos e a minha presença e atuação eram imprescindíveis para ajudá-los a perceber e entender todo aquele processo.

Confesso que seria mais fácil dividi-los por habilidades desde o início e deixá-los jogarem sem intervenção. Acredito que os professores devem auxiliar os

estudantes a alcançarem conhecimentos mais elaborados, é uma de nossas funções sociais na escola.

Nestes momentos, lembrava os estudantes de que deveriam tentar e se esforçar mais para seguir as regras que haviam definido em grupo, e que não respeitá-las estava relacionado com a dificuldade que tinham de se relacionar e respeitar as diferenças, que incluir era algo muito difícil, porém necessário para a vida em sociedade.

Nas aulas seguintes os estudantes perceberam que poderiam propor menos regras, que as regras definidas em grupo poderiam e deveriam valorizar as diferenças, possibilitando ótimas experiências de jogo para todos e não apenas para alguns, que o jogo poderia ser cada vez melhor e mais interessante, que tudo isso só dependia deles. E foi justamente nas últimas aulas que os jogos tornaram-se cada vez mais animados. Competição e cooperação em doses adequadas foram percebidas durante este momento. A essência do esporte, ou seja, jogar e se divertir foi experienciado pela maioria dos estudantes.

Após o final dos jogos, era a hora de iniciar o 3º tempo, também conhecido como Mediação. No Futebol Callejero este é o momento em que os participantes se reúnem em roda, de forma intercalada, para iniciar o diálogo a respeito das situações e atitudes ocorridas durante a vivência do jogo. É durante o 3º tempo que os professores assumem maior importância, problematizando junto aos participantes as situações observadas no jogo, assumindo um posicionamento imparcial, estimulando os participantes a exporem e defenderem seus pontos de vista acerca das situações vivenciadas durante a partida de forma respeitosa, visando ao consenso (ROSSINI, 2012; SOUZA JÚNIOR, MARTINS e BELMONTE, 2015).

No Futebol Callejero, é somente ao final do 3º tempo que os pontos são contabilizados. Neste momento, ao placar numérico é atribuída valoração em relação ao cumprimento das regras por meio do respeito, da cooperação e da solidariedade entre os participantes durante todo o processo, ou seja, durante os três tempos.

Confesso que este foi o momento mais difícil de todo o processo. Nenhum estudante havia experimentado se reunir com a sua equipe e muito menos com a equipe adversária após um jogo, inclusive eu. A maioria entendia que o jogo já tinha acabado e que não fazia sentido se reunir para debater o passado, que os ânimos

estavam exaltados etc. Mas foi justamente neste momento que os aprendizados mais significativos foram possíveis.

Após ouvir as argumentações contrárias dos estudantes à realização do 3º tempo, falei da importância de levar os conhecimentos do jogo para a vida e que este era o momento mais importante do Fútbol Callejero, em que de fato veríamos se o que havíamos feito, nossas condutas, nossas ações, possibilitariam aprendizados significativos, ou se ainda permaneceríamos ignorando certos conhecimentos.

Com o passar das aulas percebi que o 3º tempo era o momento em que novas ideias surgiam, em que ouvir era mais importante do que falar, em que definir regras e segui-las era difícil e exigia muito de cada um de nós, não apenas no campo de jogo mas na vida, conforme explicitado por meio de alguns relatos de estudantes:

Além da possível adaptação para os jogadores, o Callejero também revela um sentimento de união, interação e de muita comunicação. Ao fim da experiência, percebi que meus colegas foram desenterrando o grande carinho que havia entre a turma (Relato de uma estudante).

O que mais me cativou foi a forma com que o professor trouxe algumas atividades e os ensinamentos pra vida através dessas atividades realizadas com a turma. Uma das atividades foi o Fútbol Callejero, que nós alunos criávamos as regras e após o jogo, ainda conversávamos sobre como foi aquela experiência e o que cada um poderia acrescentar no jogo. O Fútbol Callejero foi a disciplina que eu mais gostei porque conseguiu integrar todos os alunos a praticarem o esporte, todos ajudaram nas regras e foi bem divertido também. Isso foi muito positivo porque trouxe muitos ensinamentos de vida através do esporte (Relato de um estudante).

Com o Futebol Callejero a nossa turma criou um elo não só nas aulas de Educação Física, mas durante a semana, os alunos começaram a se ajudar em atividades, em projetos, foi uma evolução bastante considerável, a turma amadureceu, o jogo criou novas amizades, nosso instinto coletivo foi mais desenvolvidos e isso continuou durante o resto do ano, mostrando assim que eles são capazes de superar as barreiras para a boa convivência. A experiência que tive nesse tempo que jogamos o Callejero mudou completamente como vejo o esporte agora, não vejo mais o esporte como uma coisa inútil, aprendi a ver como as coisas realmente são por trás de tudo, como é o espírito esportivo, como os jogadores

durante o jogo precisam um do outro e pretendo levar esse espírito adiante para a vida (Relato de uma estudante).

Desta forma, além do número de gols, eram contabilizados também a relação solidária com os jogadores da equipe adversária, o respeito aos acordos e regras estabelecidos no 1º tempo, o respeito aos jogadores da própria equipe e da adversária e as atitudes cooperativas entre os jogadores de uma mesma equipe. O término de uma partida era marcado pelo acordo entre os participantes acerca do resultado final, possibilitando a emergência de um censo de justiça compartilhado entre todos os envolvidos.

Nas aulas seguintes foram propostas diferentes maneiras de formar as equipes. Em cada aula era discutida uma nova possibilidade, como objetivo de favorecer a integração e inclusão entre os estudantes, o que nos possibilitou experienciar, nas últimas aulas, o Futebol Callejero ressignificado, ou seja, adequado às necessidades e especificidades de cada turma, de cada equipe. Dentre os exemplos, cito a formação de equipes contendo apenas meninas, a diminuição ou aumento do número de jogadores, a possibilidade de revezamento para aqueles que ficassem cansados, a possibilidades de troca de equipe durante o jogo, a definição de regras que visavam incluir todos, dentre tantas outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aprendizagens verificadas, por meio de relatos orais e escritos dos estudantes após as vivências, demonstraram a ampliação de conhecimentos aprendidos em relação ao contexto histórico do surgimento do Futebol Callejero, o desenvolvimento da co-educação e da autonomia, além do respeito ao outro e às regras estabelecidas pelo grupo e também ao esporte enquanto fenômeno social.

Hoje, lembrando o processo, percebo que propostas e metodologias diferenciadas precisam de mais tempo para serem efetivadas adequadamente. Acredito que em dez aulas conseguimos iniciar um processo de amadurecimento e que mais aulas baseadas no Futebol Callejero certamente possibilitariam aprendizados e ensinamentos mais significativos e duradouros para todos.

Minha expectativa inicial era a de verificar até qual ponto as experiências com o Futebol Callejero poderiam promover a participação ativa dos estudantes em todo o processo, ou seja, nas decisões a respeito das regras, nos jogos e nas discussões a

respeito dos aprendizados advindos das experiências vividas por meio desta prática libertária de futebol. Ao final do processo, acredito que tal expectativa foi contemplada a contento.

Quando pensamos e propomos a avaliação em Educação Física, devemos levar em consideração diversos aspectos, como o diagnóstico dos conhecimentos dos estudantes, o seu comprometimento e o envolvimento, a assimilação dos princípios básicos de determinado conteúdo, o respeito e a criação/recriação a partir dos conteúdos propostos.

Por meio da avaliação diagnóstica e do nosso ponto de partida, foram resgatadas experiências e conhecimentos da prática social dos estudantes em relação ao futebol. O comprometimento e o envolvimento foram observados por meio da participação ativa da maioria dos estudantes durante as aulas de Fútbol Callejero. Isso não significou que alguns ficaram ausentes e alheios em relação às atividades, apenas que nem todos demonstraram o mesmo nível de interesse e engajamento.

A assimilação pode ser observada por meio dos relatos entregues pelos estudantes e da construção coletiva das regras e das formas de jogar que, aula após aula, tornavam-se mais complexas e adequadas aos interesses e necessidades do grupo, demonstrando o entendimento e aplicação dos conhecimentos inerentes ao Fútbol Callejero.

O respeito foi observado a partir das relações interpessoais durante as aulas, em que as divergências eram solucionadas a partir do diálogo e do consenso. Para aqueles estudantes que, por motivos diversos, não puderam participar dos jogos propriamente ditos, os relatórios apontaram que haviam entendido os princípios norteadores do Fútbol Callejero.

A avaliação em relação às problemáticas identificadas inicialmente, ou seja, a pouca participação nas aulas de futebol, principalmente por parte das meninas e daqueles que não tinham muitas habilidades também se mostraram satisfatórias ao final das aulas de Fútbol Callejero. Com o tempo, o número de estudantes participando ativamente das aulas foi aumentando, culminando com a participação de todos os estudantes em muitas das turmas.

Avaliando o processo todo, acredito que um tempo maior para desenvolver esta metodologia do futebol poderia suscitar formas diversificadas e inovadoras de

avaliação, com o intuito de verificar, de forma mais clara, aprendizados significativos e duradouros para todos.

As aulas de Educação Física podem ser materializadas como espaços propícios para todos/as vivenciarem juntos/as múltiplas e ampliadas experiências educativas, potencializando a educação do(s) corpo(s) e das relações humanas, dentre elas e as relações de gênero.

Além disso, penso que o compartilhamento e a avaliação das experiências com as aulas de Futebol Callejero por professores de Educação Física, História, Sociologia e Pedagogos, dentre outros, poderão servir de base para a elaboração de planejamentos mais consistentes e inclusive de cursos de formação de docentes.

Para que ideias como esta possam ser materializadas, em diferentes contextos educacionais, aspectos como a vontade de inovar, de trabalhar em conjunto, de trocar experiências, de valorizar os conhecimentos dos estudantes, de pesquisar novas possibilidades teórico metodológicas e novos conhecimentos e, principalmente, acreditar no potencial das pessoas são imprescindíveis, afinal, teremos a possibilidade de experienciar aprendizados significativos a cada momento, a cada aula, aprendizados de vida para a vida!!!

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Educação física escolar: relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez, 2015.

CAMARGO, W. X.; KESSLER, C. S. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 191-225, jan./abr. 2017.

FURLAN, C. C.; SANTOS, P. L. dos. Futebol Feminino e as Barreiras do Sexismo nas Escolas: reflexões acerca da invisibilidade. In: Revista Motrivivência Ano XX , Nº 30, p. 28-43 Jun./2008.

FÚTBOL CALLEJERO: DA ARGENTINA PARA O MUNDO, DO ESPORTE PARA A CIDADANIA. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/digital/154/futbol-callejero-da-argentina-para-o-mundo-esporte-para-cidadania/>. Acesso em: 19 Jun 2017.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. In: Rev. Bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr/jun. 2005.

GUTIERREZ, C.A.S., DOTTO, A. ALLET, A. Futebol Callejero, juventude e cidadania. In: Lúdica Pedagógica, (23), 19-29, 2016.

INSTITUTO FUTEBOL DE RUA. Disponível em: <http://www.futebolderua.org/>. Acesso em: 19 Jun 2017.

KUHN, Gabriel. Futebol contra o Estado: confrontando futebol com políticas libertárias. Porto Alegre: Liro, 2014.

MARTINS, M. Z.; SOUZA JÚNIOR, O. M. de; BELMONTE, M. M. Quando as meninas tomam a rua: as relações de gênero no *Futebol Callejero*. In: Anais do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte CONBRACE, 2015.

MOVIMIENTO DE FÚTBOL CALLEJERO. Disponível em: <http://movimientodefutbolcallejero.org/>. Acesso em: 20 Abril 2017.

MUNDIAL FUTEBOL DE RUA. Disponível em: <http://www.mundialfutebolderua.org/>. Acesso em: 20 Abril 2017.

PARANÁ. Diretrizes Curriculares Estaduais Orientadoras para a Educação Básica do Paraná (DCOE). Secretaria de estado da Educação do Paraná SEED, 2008.

REDE PAULISTA DE FUTEBOL DE RUA. Disponível em: <http://polos.mundialfutebolderua.org/>. Acesso em: 20 Abril 2017.

ROSSINI, L. et. al. Fútbol Callejero: juventud, liderazgo y participación: trayectorias juveniles em organizaciones sociales de América Latina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: FUDE, 2012.

SOUZA JÚNIOR, O. M. de; MARTINS, M. Z.; BELMONTE, M. M. Fútbol Callejero e Educação Física escolar: a explicitação dos saberes atitudinais pelo jogo em três tempos. In: Anais do VI CIPE Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte, 2015.